



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1496

(re)Ocupação e mudanças na paisagem: uma leitura de história ambiental dos processos migratórios e cafeicultura no norte do Paraná

Lucas Mores
(UFSC)

Resumo: Aspectos ambientais são um dos principais elementos quando pensamos em processos migratórios, sejam estes importantes nos motivos da chegada ou mesmo na modificação ocorrida depois da ocupação de determinado território. A história da implantação e domesticação da cafeicultura no Brasil está intimamente ligada ao tema de processos migratórios de seres humanos ou não humanos, sendo estes deslocamentos voluntários ou não. Neste sentido, este trabalho visa analisar as intersecções entre migrantes e a alteração do território no norte do Paraná por meio de uma leitura do campo de História Ambiental. A principal implicação desta perspectiva, é perceber como grupos não humanos, por exemplo insetos, solo, geadas e o fogo, foram ativos neste processo de implantação do monocultivo e adaptação as novas paisagens, e não, como a interpretação tradicional que coloca todo o peso sobre o trabalho humano. Outro elemento importante visa problematizar como cada etnia se relaciona com o seu ambiente construído, ou seja, a monocultura. Diferentes etnias geriram os monocultivos de café no norte do Paraná a partir de diferentes lógicas e práticas, podemos assim, perceber que a História Ambiental não elimina outras esferas da historiografia como economia, política e cultura, mas busca ampliar estes debates para compreender os grupos não humanos. A metodologia para este trabalho se valerá do cruzamento de diferentes documentos como fotografias, periódicos, relatos de imigrantes e relatórios técnicos.

Palavras-chave: Paraná; Monocultivo; História Ambiental;

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

O processo histórico de implantação da cafeicultura no Brasil está intimamente ligada ao tema de processos migratórios de seres humanos ou não humanos, sendo estes processos voluntários ou não. No tocante aos seres humanos, podemos enumerar pelo menos três grandes momentos: a vinda pelo Atlântico por parte de africanos escravizados que adentraram as lavouras de café durante quase todo o século XIX em São Paulo e no Rio de Janeiro; os imigrantes europeus, especialmente italianos e portugueses, pobres que vieram em busca de trabalho assalariado no interior paulista em fins do século XIX e início do XX; e por fim, um fluxo que atraiu tanto trabalhadores e interessados em ser proprietários ao norte do Paraná, sendo este formado por paulistas, mineiros, gaúchos, pessoas advindas dos diferentes estados da região Nordeste e estrangeiros. Este texto problematizará este último processo com o objetivo de compreender como ocorreu a

modificação do ambiente por parte destes diferentes grupos culturais que se encontraram na região norte do Paraná.

A região do norte do Paraná, em especial aquela localizada ao oeste do rio Tibagi, era até a década de 1930 ocupada por indígenas¹, posseiros e caboclos², vivendo em condições de agricultura de subsistência em um espaço que ainda era coberto em grande parte pelo bioma da Mata Atlântica. (CARVALHO, 2004) Para os governos, era uma região improdutivo do ponto de vista econômica e para grande parte da elite intelectual representava o atraso³ do Paraná frente a economia de outros estados.

A partir da década de 1940, este espaço passa por um processo de entrada de (i)migrantes buscando por um território idílico apresentado por propagandas e que fora produzido como "El dourado" da agricultura brasileira. Este processo de (re)ocupação⁴ do território ocorre especialmente por uma colonização dirigida, gerida pela ação de uma companhia inglesa denominada Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP)⁵ Podemos pensar que este processo está vinculado com outros projetos de abertura de fronteiras agrícolas em diversas regiões do país, como nos casos de Goiás e em uma área na qual atualmente está o Mato Grosso do Sul. Contudo, consideramos que o norte paranaense tem características específicas e por isso é importante fazermos uma análise que reflita como esta fronteira agrícola, dando ênfase aqui nos processos migratórios ocorridos para a região. Como podemos observar a partir do seguinte trecho:

Estes dois fatores, o da abertura da região ao grande fluxo migratório vindo do Norte do Estado ligado à produção cafeeira, e os trabalhos de colonização planejados pelo Governo do Estado, detonaram o rápido, violento e desordenado processo de colonização dirigida e do brutal

1 Existem relatos de indígenas vivendo nas florestas do norte paranaense até a década de 1950, especialmente na região do norte novíssimo. Estes grupos de indígenas foram dizimados em um curto período de tempo após o contato com os (i)migrantes da segunda metade do século XX. KOSAK, Vladimir; et al. Os índios Héta: peixe em lagoa seca. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná. v. 37, (ou XXXVIII-38) p. 3-120, 1981.

2 As relações entre estes diferentes grupos não eram pacíficas, mas haviam diferentes disputas sobre terras e recursos naturais. TOMAZI, Nelson Dacio. "Norte do Paraná": História e Fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, UFPR. Curitiba.

3 Luciana Murari (2009) pontua que este era um problema que a intelectualidade brasileira sentia em relação ao s sertões e que estes deveriam se desenvolver economicamente para o Brasil sair do atraso. Segundo a autora, grande parte da intelectualidade durante os séculos XVIII e XIX, como também na primeira parte do século XX, refletiram sobre o atraso do sertão em relação ao desenvolvimento litorâneo.

4 Nelson Tomazi (1997) nos lembra sobre o uso do conceito de ocupação, fazendo pensar que não havia nenhum ser humano no norte paranaense antes da chegada da CTNP e das ações do governo. Logo, este conceito de reocupação tem seu sentido político ligado a não esquecer estas populações indígenas, de posseiros e outros ocupantes destes espaços.

5 Companhia de Terras Norte do Paraná/Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. A CTNP foi fundada em 1924, por um grupo inglês que, impressionado pela fertilidade das terras roxas, obteve concessões do Estado entre os Rios Paranapanema, Ivaí e Tibagi. Vendida a um consórcio brasileiro em 1947, tornou-se a CMNP (ALBUQUERQUE, 1995). Existiam outras empresas colonizadoras na região, contudo, nenhuma foi mais atuante do que a CTNP e que abordaremos neste trabalho inicial.

desflorestamento na região. (CARVALHO, 2008)

Com base na citação de Carvalho, podemos entender que o norte do Paraná foi ocupado a partir de destes dois processos, o esforço do governo paranaense em dividir as terras em companhias colonizadoras e que estas souberam usar elementos da natureza para construir uma região idílica naquela espaço e, por outro lado, a busca de novas terras produtivas por parte dos cafeicultores paulistas. A distinção destes elementos é importantíssima, no sentido de compreendermos que nem todos os (i)migrantes num primeiro momento fizeram o cálculo racional da produção de cafés, mas que ao perceberem o sucesso que estava ocorrendo na região acabaram por adotar este cultivo agrícola.

Para compreendermos este processo de (i)migrações que ocuparam e modificaram a paisagem do norte do Paraná, pensaremos a partir da intersecção da leitura de dois campos: História Ambiental e uma leitura histórica dos processos migratórios. Entendo que esta intersecção pode ser produtiva no sentido de analisar como ocorreu uma grande corrente migratória que causou uma (re)ocupação humana da região, principalmente motivada com a compra de terras férteis e com a grande frente de trabalho que era aberta (BERGOC, 2012)

A História Ambiental nos permite pensar de maneira dinâmica as diferentes relações entre grupos humanos e não humanos para assim "rejeitar a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolve sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e "supernatural", de que as consequências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas" (WORSTER, 1991, p. 199) Neste sentido, historiadores vem desenvolvendo suas pesquisas com elementos que englobam "tanto realidades florestais e rurais quanto urbanas e industriais, dialogando com inúmeras questões econômicas, políticas, sociais e culturais." (PÁDUA, 2010, p. 96) Pontuamos assim, os inúmeros caminhos que podem ser percorridos pela História Ambiental, tais como: (1) Uso de recursos e conservação, que compreende reações sociais e individuais à diminuição de recursos vitais, as percepções sobre essas transformações, as regras, práticas e discursos desenvolvidos para dialogar ou ignorar essas mudanças; (2) Desastres naturais e cultura de risco, compreendendo percepções culturais sobre o risco, sobre fatores sociais e ecológicos; (3) Imperialismo ecológico, que incorpora questões sobre como regimes coloniais deixaram não apenas as sociedades coloniais em

escassez, mas com problemas ambientais; (4) Transformação das paisagens, altamente voltada à história agrária e de transformação dos regimes agrícolas e urbanos; (5) Ética ambiental, voltada ao entendimento das concepções únicas de grupos com relação ao uso da natureza; (6) Conhecimento e sociedades do conhecimento, marcados pela emergência do conhecimento sobre natureza, as implicações ecológicas da pesquisa científica acerca da própria temática ambiental, o o debate sobre a comodificação da natureza (MAUCH e TRISCHLER, 2010).

Para iniciarmos uma reflexão no sentido de aproximar estas duas leituras, devemos entrar nas especificidades que unem fatores ambientais e processo migratórios, para evitarmos uma leitura homogeneizadora, simplista ou mesmo mecânica de todo este processo. Partindo desse pressuposto podemos encontrar a seguinte leitura:

Fatores ambientais, por exemplo, podem não apenas expulsar pessoas de seus locais de subsistência, como também atrair migrantes. Além disso, mudanças ambientais podem ser *resultados*, intencionais ou não, de migrações. E, finalmente, o meio ambiente cumpre papel importante na manutenção de redes diaspóricas, na memória de migrantes, e nas formações de identidade de sociedades migrantes. (LUBKEN, 2013)

Partindo deste pressuposto de que o ambiente pode gerar processos migratórios, entendemos que as zonas de fronteira agrícola tem sido um espaço importante para a análise da história ambiental, como pontua John McNeill "desde el punto de vista del cambio medioambiental, la emigración más importante afectó a las zonas de frontera colonizadora" (MCNEILL, 2000). Compreendemos que o norte do Paraná é uma fronteira colonizadora por parte do avanço da cafeicultura paulista, conforme demonstra Gilmar Arruda (2011), que o espaço do norte do Paraná foi radicalmente transformado em um curto período de tempo de tal maneira, que provavelmente não teve escala ecológica precedente no Brasil, convertido de uma parte do ecossistema da Mata Atlântica para grandes porções de monoculturas de café. (ARRUDA, 2011) Podemos relacionar essa afirmação com a discussão do historiador ambiental canadense Stuart McCook, que, ao pensar os agricultores brasileiros pontua que os mesmos "transformaram muito o rico ecossistema da floresta tropical com as plantations de café. Quando os cafezais e o solo estão exauridos, a terra é abandonada pelo agricultor que transforma em pasto. Estas mudanças ocorrem em duas gerações" (MCCOOK, 2002).

Neste sentido, também devemos pensar o contexto destas (i)migrações, pois o ser humano sempre migrou e por vezes levava espécies exóticas para determinadas regiões, inclusive criando ambientes naturais próximos ao que residia anteriormente. Por exemplo, a imigração de europeus no início da era moderna foi acompanhada de várias doenças, plantas e animais que ajudaram a formar um mundo diferente e criando zonas denominadas Neo-Europas que atualmente são responsáveis por grande parte da produção mundial de grãos. (CROSBY, 2011, p. 15) Entretanto, durante o século XX estes processos migratórios tiveram algumas características que podemos ver no seguinte trecho:

A menudo se aventuraron a marchar a zonas ecológicas que entendían muy poco, cosa que ha ocurrido, por supuesto, a lo largo de toda la historia de la humanidad. Pero en el siglo XX fueron más las personas que se desplazaban disponían de más técnicas de transformación y, en la mayoría de los casos, estaban vinculadas con lazos más fuertes a mercados o a planificadores nacionales que les proporcionaban incentivos para roturar más tierra, sembrar más cultivos, apacentar más animales, capturar más peces o extraer más minerales que los necesarios para su propia subsistencia (MCNEILL, 2000)

No tocante ao norte do Paraná, percebemos que a ocupação do espaço ocorreu de modo híbrido ao que McNeill pontua, pois encontramos algumas elementos e técnicas que advinham do conhecimento dos caboclos, ao mesmo tempo, que algumas práticas como a ciência, a racionalização da colonização e o mercado capitalista impunham pressões a ecologia local. A construção das paisagens ocorreram justamente do contato dos (i)migrantes com os antigos habitantes locais e suas técnicas novas, para assim dominar um ambiente novo e por vezes desconhecido da sua antiga realidade.

Las migraciones espontáneas y las patrocinadas oficialmente desplazaron a decenas de millones de personas en todo el mundo durante el siglo XX, llevándolas a zonas ecológicas desconocidas para ellas. Una parte sustancial de los cambios medioambientales ocurridos en el planeta se debió a esas migraciones. Esto fue especialmente cierto en aquellos aspectos fuertemente afectados por la agricultura de colonización fronteriza: la cubierta vegetal, la biodiversidad, la condición del suelo y, en los países secos, el uso del agua. (MCNEILL, 2000)

Ao propormos uma problematização a partir destes dois campos, compreendemos que é possível um enriquecimento das perspectivas que analisam a cafeicultura no norte do Paraná e assim ampliar os diferentes debates sobre o

tema. Aspectos listados acima por McNeill podem ser facilmente localizados na ocupação do norte paranaense. Aqui trabalharemos especialmente dois: agricultura e a condição de solo, por compreender que estes dois elementos são decisivos no número elevado de (i)migrantes para a região. Como apontado anteriormente por Carvalho (2008), as migrações para o norte paranaense ocorreram devido a expansão da cafeicultura, podemos ler que a condição da terra roxa e de uma área aberta para a agricultura é essencial para este processo de ocupação do território.

Migrações e alteração da paisagem agrícola paranaense: os (i)migrantes reinventam seu espaço

Para se entender o processo migratório, teremos que entender como a natureza do norte do Paraná foi construída no imaginário dos grupos sociais que migraram. Neste sentido, mapeamos o principal periódico de circulação em São Paulo, a Folha da Manhã, lugar este que teve como maior fluxo de migrantes. Ao analisar o periódico no período de 1945 a 1950, é possível perceber que a propaganda da colonizadora da CTNP aparece pelo menos em 2 edições por semana, ocupando um lugar privilegiado em cada edição, de tamanho significativo grande em relação ao jornal.

Encontramos nestas reportagens diferentes representações de natureza, desde propagandas que exaltam a terra roxa, até elementos como a imagem abaixo que demonstra o trabalho na terra. Esta imagem constrói uma imagem da relação com o ambiente que estes (i)migrantes podem elaborar ao longo do tempo. Na imagem, observamos além da imagem marcante o arado arrumando a terra, também um discurso no texto escrito na parte de baixo que deixa explícito que o ser humano conseguiu adentrar na mata virgem que estava ali estabelecida. Essa lógica representa uma perspectiva que a partir do trabalho humano, qualquer região pode ser civilizada e colonizada, demonstrando a superioridade deste em relação aos outros elementos do ambiente.



ustração 1: Imagem 1: FOLHA DA MANHÃ.
19/03/1949

Por outro lado, podemos realizar uma análise seguindo outro caminho que é o de como efetivamente estes agricultores ocuparam estes espaços. As chamadas ruas do café, eram elementos importantes para os trabalhadores, pois habitualmente este espaço era dedicado para que os trabalhadores realizassem algum cultivo que o mais interessasse. Como podemos entender essa lógica a partir do seguinte trecho:

As fazendas que têm cafezaes novos são as mais procuradas pelos colonos, tanto estrangeiros como nacionaes, e isto explica-se, pois, com a grande platanção de cereas, nas lavouras novas, delles tiram os colonos lucros mais elevandos do que lhes dá o tratamento dos cafezaes. *Para os japonezes são as terras próprias para arroz que os seduzem, e lhes merecem preferencia; para os europeus o milho e o feijão plantados em todas as linhas dos cafezaes. Os nacionaes se satisfazem com uma pequena roça na beira de um correjo.*(grifo do autor) (MASTROIELLO, 1946)

A partir do trecho acima, retirada de uma carta, podemos perceber um elemento entre etnicidade e sua relação com o ambiente, quando apontamos que cada grupo etnico constrói uma forma de relação com determinados grãos. Este elemento aponta que a perspectiva da História Ambiental não pode ser um simples determinismo, mas sim, uma perspectiva que percebe estes elementos dinâmicos das paisagens e como diferentes grupos humanos se (re)apropriam dele, fazendo uso de diferentes elementos.

Alguns destes (i)migrantes também deixaram relatos demonstrando sua

perspectiva desta mudança ambiental, especialmente "das terras virgens" para a cafeicultura que agora era racionalizada e planejada. Em um documento clássico sobre o norte do Paraná, denominado Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na Selva brasileira: relato de um imigrante (1938-1975) podemos notar:

Para obter-se terreno para o plantio, o mato precisa ser derrubado, galhos e ramos cortados, depois de secados, precisam ser queimados. (...) Se tudo correr bem, o espetáculo duma queimada é um acontecimento excitante. O poder destruidor do fogo, assim dirigido pelo homem, causa uma impressão forte, e se fala muito tempo de tal acontecimento entre os participantes. (...) Logo depois de arrumar a roça recém-queimada plantam-se culturas conforme permitido a estação do ano. Em outros tempos só se viam florestas e florestas na região, mais tarde só se vê café. (MAIER, 1976)

No trecho acima, vemos uma descrição da coivara, aspecto da cultura cabocla, mas que foi adotada pelos imigrantes europeus, pois estes não tinham conhecimento prática da agricultura que existia no Brasil no período. Neste sentido, uma leitura de história ambiental deste processo nos permite a pensar aspectos que problematizam o europeu como o ser racional e moderno que implantam sua cultura e moderniza a cafeicultura brasileira. Desconstruir este aspecto, é importante para realizarmos uma história não glorificadora do imigrante que tem por objetivo com seu trabalho o domínio da terra.

Este trabalho apontou algumas perspectivas que vem sendo desenvolvidas durante a pesquisa de dissertação sobre o monocultivo de café no norte do Paraná, com um recorte com ênfase nos processos migratórias e formas de ocupação do espaço.

Considerações finais

Esta possibilidade de um rápido cruzamento de elementos distintos nas fontes analisados, nos permite abrir a possibilidade de pensarmos como estas ocuparam seus espaços e como o café foi produzido na região no período. Apesar de ser uma reflexão inicial, podemos como final deste trabalho, falarmos de caminhos a serem seguidos durante esta pesquisa ainda em desenvolvimento. Num primeiro momento, podemos adentrar em uma brecha historiográfica da própria historiografia de processos imigratórios:

Na busca da pequena propriedade, resta um capítulo, sem dúvida

muito mal estudado, que é o das relações intergrupais. Pouco se sabe dos diversos atrito entre colonos de nacionalidades diferentes convivendo no mesmo espaço como no caso das fazendas em São Paulo, e menos ainda das relações estabelecidas entre imigrantes, negros, caboclos e sobretudo índios. (ALVIM, 1998)

Apesar da citação acima demonstrar uma preocupação do final do século XX, mapeamos que ainda não é um campo no qual foram desenvolvidos muitos estudos. Neste sentido, um caminho a ser problematizado é como os diferentes grupos circularam e trocaram conhecimentos no espaço da cafeicultura do norte paranaense. Uma análise de História Ambiental buscando esse cruzamento de etnias tem por objetivo valorizar o conhecimento das populações locais em relação ao ambiente, especialmente, porque o café não é uma planta nativa ou comum em países de onde vieram muitos imigrantes.

Ao mesmo tempo, podemos notar o que Léo Weibel denominou de caboclicização do imigrante e assim compreender como os imigrantes adotaram as técnicas e práticas agrícolas dos caboclos. Fazer essa leitura, implica em desconstruir a lógica presente no cotidiano do senso comum que europeus são modernos por terem uma cultura avançada, enquanto caboclos são menos civilizados e atrasados. A circulação destas técnicas foram importantes para que os europeus entendessem o funcionamento do clima, da fertilidade do solo, da biologia do café, entre outros elementos importantes para o desenvolvimento deste cultivo. Entendemos assim, que estes caminhos serão explorados no sentido de dar uma maior complexidade no trabalho futuramente.

Referências bibliográficas

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privadas dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando. **História da vida privada**: República, da Belle Époque à Era do Rádio. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARRUDA, Gilmar. A “grande transformação” e a biota cultural das populações em movimento. **Diálogos**, Maringá, volume 14, número 2, p. 287-303, 2010.

BERGOC, Gilson Jacob. **A incorporação do espaço do Norte do Paraná ao espaço nacional**. 287 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2012.

CARVALHO, Ely Bergo de. **A Modernização do Sertão**: Terras, Florestas, Estado e Lavradores na Colonização de Campo Mourão, Paraná, 1939-1964. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2008.

_____. **Sombras do passado, projetos de futuro**: as florestas nas memórias dos agricultores de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1947-2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – USFC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2004.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**: a expansão biológica da Europa, 900-1900. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

KOSAK, Vladimir; et al. **Os índios Héta**: peixe em lagoa seca. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná. v. 37, (ou XXXVIII-38) p. 3-120, 1981.

MAUCH, C.; TRISCHLER, H. 2010. International environmental history: nature as a cultural challenge. **RCC Perspectives**, 1:1-15

MCCOOK, Stuart. **States of nature**: Science, Agriculture and Environment in the Spanish Caribbean, 1760-1940. Austin: University of Texas, 2002.

MCNEILL, John. **Something New Under the Sun**: An Environmental History of the Twentieth Century World. New York: Norton, 2000.

PADUA, José Augusto. Bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, p. 81-101, 2010.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: História e Fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, UFPR. Curitiba.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.